

A GUERRA ATÔMICA CHEGA A BRASÍLIA

Positivismo, energia e amor; o jeito rajneesh

"Yes Bhagwan/Yes Bhagwan/Yes Bhagwan/fe fe fe". Este hino de positividade, foi cantado freneticamente por muitos dos 25 mil **sannyasins** que moram em Brasília e que compareceram na última quarta-feira, à palestra da mestre **Ma Arup Prem**, da cúpula da empresa-comportamento **Rajneesh Foundation Internacional**, uma subsidiária da **Rajneesh Investment Corporation**, no Lago Sul.

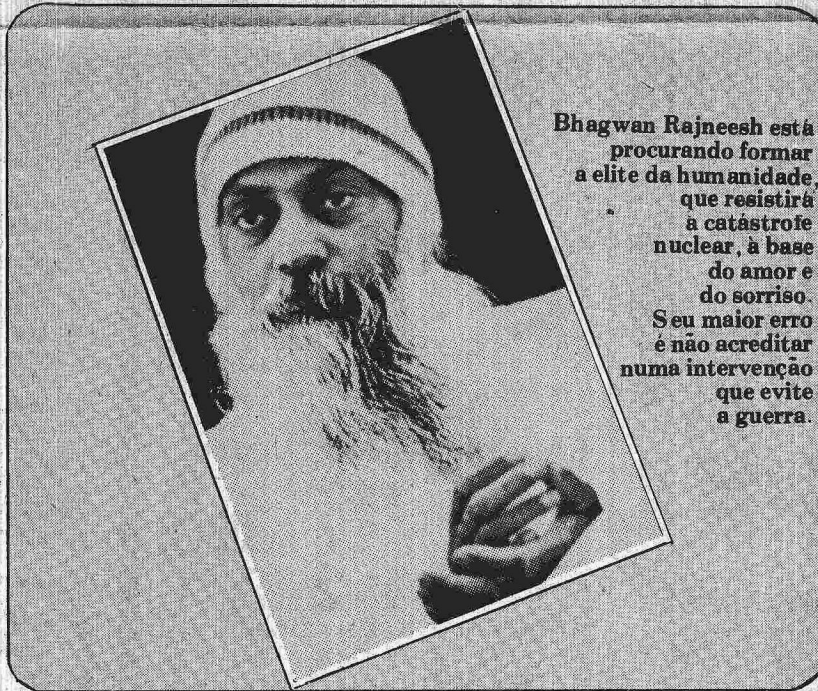
Ma Arup falou bonito e mostrou excelentes **tapes** da construção da cidade **Rajneeshpuram**, 500 quilômetros quadrados no deserto do Estado de Oregon, Estados Unidos (área do tamanho do projeto Carajás), onde viverá a elite da humanidade, os sobreviventes da guerra atômica.

Lá, todos os trabalhos são feitos por jovens **sannyasins**. Eles trabalham duro, dirigindo tratores, levantando casas, prédios estradas, disciplinando os rios, plantando e colhendo. Lá, eles se tratam interiormente através de terapias de ginásticas, danças, massagens e meditações.

Em **Rajneeshpuram**, explicou Ma Arup, não existem hierarquias, propriedades, nenhum tipo de poder. Tudo é feito individualmente, com muita positividade. A negatividade se afasta por si só.

E para lá que vão milhares de brasileiros, especialmente de Brasília. Até 1985 **Rajneeshpuram** engolirá cerca de 100 milhões de dólares na construção da cidade convencional. Depois, começará a construção da cidade subterrânea. Bhagwan, o mestre indiano que "ilumina" todo o astral da comuna **Rajneesh**, acha que 100 anos é um bom tempo para construção dos abrigos.

Para o **sannyasins Swami Gyanbuddha**, brasileiro que poderia se chamar muito bem **Pedro Oliveira** ou **Paulo Siqueira**, não importa — todos mudam de nome quando recebem o mala, um patuá com a foto de mestre Bhagwan — em artigo publicado na revista **Transe**, "a notícia da guerra nuclear seria anormal se partisse de qualquer outra fonte. Porém torna-se significativa na medida em que uma figura da dimensão de **Rajneesh**, que nunca se revelou apocalítico, e declara de público, que é irremediável a 3ª Guerra, e, para isto, inicia a cons-



Bhagwan Rajneesh está procurando formar a elite da humanidade, que resistirá a catástrofe nuclear, à base do amor e do sorriso. Seu maior erro é não acreditar numa intervenção que evite a guerra.

trução de uma cidade em pleno deserto, entre as montanhas do Oregon, longe de qualquer grande cidade americana, com todas as características de uma cidade antiatômica. Lá o guru espera aglomerar os seus 400 mil discípulos durante o período difícil do pós-guerra que, segundo ele, será doloroso e negro, sobrevivendo, fora dali apenas alguns grupos indígenas e poucas comunidades esotéricas, que tenham escolhido alguns pontos do planeta onde a radiação atômica não chegará. Mais que isto: as comunidades sobreviverão porque os **sannyasins** terão aprendido a amar-se uns aos outros e a protegerem-se uns aos outros, coisa rara e difícil de ser executada num tempo onde o egoísmo predomina nas relações, mesmo comunitárias.

Para evitar a radioatividade boa parte da cidade será construída dentro das montanhas. Vários arquitetos e engenheiros — todos discípulos de **Rajneesh** — vêm trabalhando há anos, pesquisando métodos, fórmulas e estra-

tégicas de inspiração ecológica, adaptando modelos e soluções", diz a reportagem da revista **Transe**.

Quanto perguntei a Ma Arup por mais detalhes sobre o conflito nuclear, os **sannyasins** não gostaram. "Que papo, estranho", disse um **Red**. Ma Arup, porém, não fugiu e respondeu:

"Bhagwan acha que ninguém deve se preocupar muito com a possibilidade da guerra. Ela é inevitável, pois as principais nações estão investindo muito em armamento pesado e nuclear. Ele acha que as pessoas, especialmente os **sannyasins** devem se cuidar, se transformar interiormente pois a transformação começa em cada um.

A VISÃO SEGUNDOSWAMI

"Uma bomba de 20 megatons que expluda um belo dia em qualquer cidade grande da Costa Oeste dos Estados Unidos, para exemplificar, geraria uma bola de fogo de 2,5 quilômetros, com temperatura de 10 a 15 milhões de graus centígrados.

Todo o centro da cidade, com suas ruas, prédios e seres vivos, se evaporaria deixando uma cratera de centenas de metros de profundidade. Num raio de 10 km do centro, todas as pessoas morreriam instantaneamente. Vidros derreteriam, edifícios desmoronariam, quando atingidos pelo choque da onda supersônica e por ventos de até 500 quilômetros horários.

Num raio de até 30 quilômetros, metade das pessoas morreria ou seria ferida pela radiação térmica direta e pelas pressões da explosão. Uma única exploração resultaria em dezenas de milhares de casos graves de queimaduras.

Mas os horrores não terminariam aí. A maioria seria morta por incêndios esporádicos de tanques de óleo, linhas de gás, depósitos de gasolina, etc. Tais incêndios poderiam se aglutinar numa única tempestade de fogo, afetando uma área de 2 mil quilômetros quadrados, insuflada por ventos de 150 a 300 quilômetros horários, criando temperaturas capazes de asfixiar e cozinhar os que ainda estivessem escondidos em abrigos.

Os que sobrevivessem ao fogo ficariam expostos a doses de radiação letais ou subletais, resultantes da precipitação radioativa. Hospitais seriam destruídos. Milhões de cadáveres espalhados por toda a parte. A comida, o ar e a água seriam contaminados, os sobreviventes morreriam de fome, desidratação, doenças radioativas e infecções.

Nenhum país, pode-se presumir, seja qual for sua localização geográfica, estará a salvo das consequências de um conflito atômico de qualquer consequência: de um conflito atômico de qualquer natureza, até mesmo pela interdependência hoje existente em setores básicos da vida humana. A previsão do mestre indiano **Rajneesh**, de guerra atômica para 1993/99 é triste, e nada garante que não seja real. Os homens não querem a paz, e isto você pode verificar a qualquer momento numa rua de São Paulo, no seu apartamento no Rio de Janeiro ou dentro de você mesmo".

(Publicado na revista **Transe**, nº 12, in **Gyanbuddha**).

O deputado **Pedro Lauro** (PM-DB-PR) é conhecido no Congresso Nacional como "o parlamentar de projetos exdrúxulos". Ele, por exemplo, já propôs que a **LBA** (Legião Brasileira de Assistência), o prestasse um serviço, tipo **INPS**, com o seguinte nome: **Serviço de Aproximação dos Casais**. Quis anexar a **Guiana** ao Brasil. Instalar telas de **video tape** nos estádios de futebol para os torcedores "in loco" tirarem suas dúvidas. Quis também, em plena **Copa do Mundo**, que os laterais fossem cobrados com os pés. Isso sem falar da proposta de colocar faixas vermelhas na bandeira brasileira. Por este motivo, inclusive, o parlamentar foi preso com três modelos de bandeiras diferentes em um lugar chamado **Boca Maldita**, em Curitiba.

Acontece, que o deputado **Pedro Lauro** também preocupa-se com a guerra atômica-nuclear. No dia 6 de junho passado ele fez um discurso na Câmara dos Deputados propondo a criação de abrigos nucleares:

"Sr. Presidente, senhores deputados, a guerra das Malvinas, além de outras realidades dolorosas, trouxe novamente à baila, a necessidade de construção, em países que nunca haviam antes visto essa necessidade, como o Brasil, de abrigos antiatômicos.

Para aqueles que porventura acharem absurda a ideia, quero apenas lembrar que um dos resultados naturais dessa sangrenta e absurda guerra será a construção da bomba atômica argentina, brasileira, venezuelana e de outros países da América do Sul.

Assim como, há 50 anos, ninguém no mundo podia pensar sequer em bomba atômica, mas ela aconteceu na II Grande Guerra; assim como ninguém no mundo jamais ousou pensar em bomba de hidrogênio, e ela aconteceu; assim como ninguém também pensaria na horrível bomba de nêutrons (que mata as pessoas sem sequer tocar nos edifícios das cidades ou nos equipamentos militares), mas ela

está acontecendo a nossos olhos — assim também, Sr. Presidente, não é estultícia pensarmos na necessidade imediata que o Brasil tem de pensar neste assunto. É hora de começarmos a pensar seriamente, na construção de abrigos antiatômicos nas capitais e grandes cidades de nossa Pátria.

Se é verdade que o Brasil tem uma longa tradição pacifista, e por isso poderia relegar esse assunto para segundo plano, também é verdade, Srs. deputados, que ninguém jamais esperaria que uma guerra entre a Argentina e a Inglaterra viesse trazer para tão perto de nós os horrores de um possível holocausto atômico, a ponto dessa realidade abrir os olhos de nossas autoridades militares para a necessidade, que elas julgam urgente, do reaparelhamento de nossas Forças Armadas.

Se os abrigos antiatômicos que construímos não forem utilizados para o seu fim precípuo por longo tempo, tanto melhor. Daremos graças a Deus por isso. Só não podemos, e não devemos, ser apanhados de surpresa numa circunstância tão grave para o povo como um ataque atômico. E enquanto esses abrigos não forem usados efetivamente para abrigar o povo contra ataques atômicos, poderiam muito bem servir como hospitais de emergência, escolas de emergência, silos para armazenar cereais e tantas outras utilidades.

Faço, portanto, desta tribuna, um apelo às autoridades para que comecem a pensar seriamente no assunto, se é que ainda não pensaram. As crônicas militares de todo o mundo, quase todos os dias, estão nos lembrando macabramente que estamos a apenas 18 anos do fim do século e que um possível holocausto nuclear de caráter mundial está para acontecer. Quem nos pode garantir que o Brasil vai ficar salvo dessa horrível tragédia? Diz o sempre bem lembrado ditado popular: "Prevenir é melhor do que remediar".